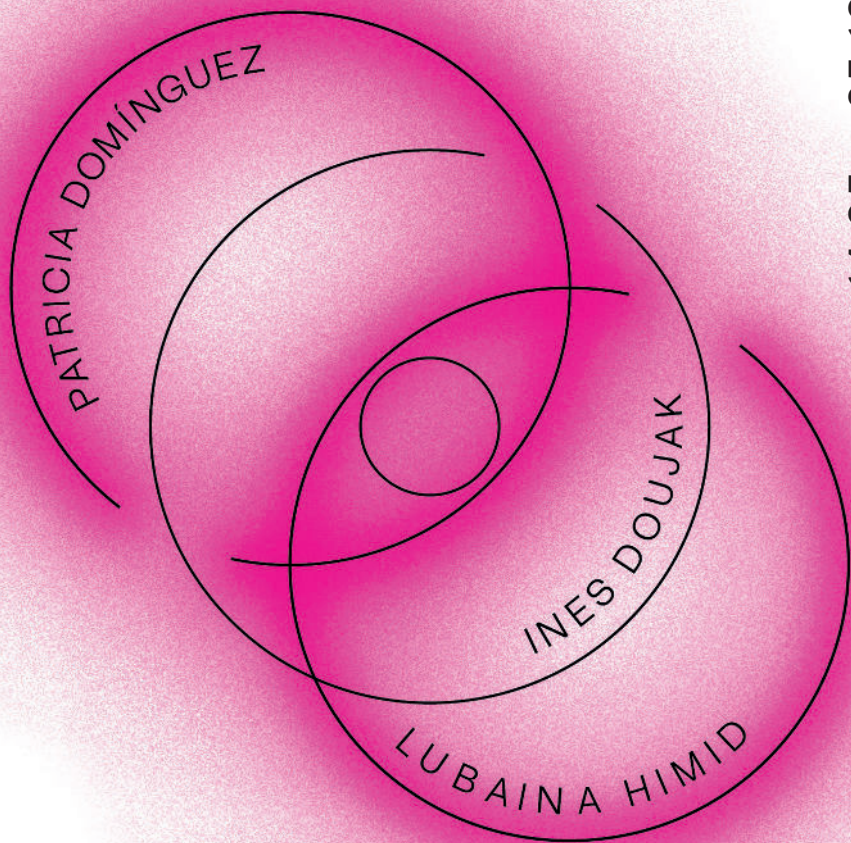


OLHOS MÚLTIPLOS



14.05 → 25.10.2026

**MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA**
PISO -1

PT/EN



OLHOS MÚLTIPLOS.

PATRICIA DOMÍNGUEZ, INES DOUJAK, LUBAINA HIMID

Curadoria de **Nuria Enguita e Rafael Barber Cortell**

Olhos múltiplos reúne as obras de Patricia Domínguez, Ines Doujak e Lubaina Himid, três artistas de diferentes gerações cujas práticas convergem em torno de uma questão que as une: o que muda quando prestamos atenção a formas divergentes de narrar o mundo?

As artistas recorrem às narrativas que a história oficial ignorou ou descartou: os relatos bastardos, subterrâneos, aqueles que se transmitem de boca em boca. Porém, não se limitam a recontá-los; antes, habitam-nos, inspirando-se no carnavalesco, no abjeto e no popular enquanto formas de expressão pelas quais as histórias divergentes há muito circulam. Cada uma fá-lo a partir de uma posição distinta: Doujak por meio do corpo político, do bestiário capitalista, da figura do monstro; Himid por meio das presenças apagadas pela história colonial, que regressam como fantasmas; e Domínguez utilizando os conhecimentos botânicos e espirituais ameaçados pelo extrativismo, encarnados em figuras híbridas permeadas pela tecnologia. As três partilham uma convicção: que narrar de forma diferente é compreender de novo o presente e reconhecer que cuidar — da terra, da memória, dos outros — é um ato de resistência coletiva.

A exposição abre-se como uma viagem sem início nem fim na qual as obras das três artistas avançam e recuam, entrelaçando-se ao longo do tempo e gerando uma desorientação deliberada que faz eco das suas estratégias narrativas. Oferece uma experiência na qual a alteridade surge não como ameaça mas como espaço de aprendizagem, reflexão e cocriação de conhecimento — onde a narração se torna, acima de tudo, um ato de escuta, de deixar-se afetar.

Lubaina Himid trabalha na recuperação de presenças apagadas, dando corpo e voz a figuras historicamente excluídas das narrativas oficiais. As suas pinturas vibrantes captam momentos do quotidiano — pessoas que conversam, interiores suspensos em momentos de incerteza. Nas suas instalações, histórias esquecidas e cenas teatralizadas interagem de forma satírica com os mundos da política e da arte, refletindo sobre a sua própria posição no seio dos mesmos. Himid não se limita a recuperar a memória: cria espaços nos quais estas figuras irrompem com facilidade e leveza, amenizando a rigidez da história através da cor e de materiais humildes. Sem medo do decorativo ou do doméstico, o seu trabalho cria a sua própria monumentalidade.

Ines Doujak constrói um bestiário político no qual seres humanos, seres animais, o orgânico e o mecânico se misturam sem hierarquias, gerando assemblagens de corpos, plantas e próteses que não ilustram nem resolvem, mas que persistem num estado de suspensão. A sua investigação crítica denuncia os conflitos globais e os processos extrativistas que moldam as guerras contemporâneas, ao mesmo tempo que identifica as suas origens em injustiças históricas persistentes. Doujak recorre a

estratégias de humor negro e ironia para desmascarar iniquidades, fundindo o abjeto com o sedutor para tecer narrativas inquietantes. Através da sátira política, identifica onde residem as violências sistêmicas: não nas dificuldades dos mais desfavorecidos, mas nas elites que estruturam os processos económicos globais — e nos corpos que estas produzem, usam e acabam por descartar.

A prática de **Patricia Domínguez** situa-se na intersecção entre a investigação etnobotânica colonial, o conhecimento espiritual e o uso da tecnologia para recuperar outras tecnologias, mais íntimas, com um objetivo claro: reimaginar o lugar que ocupamos no cosmos. Operando num enquadramento ritualístico por ela própria concebido, imaginado como uma espécie de «estômago», propõe novas hierarquias não binárias que celebram todos os seres vivos, e em especial os corpos traídos pelo sistema. Os seus vídeos e instalações reinterpretem elementos do capitalismo tardio (mercadorias baratas, tecnologias digitais, estéticas pós-internet), transformando-os em rituais de resistência multiespécies e de cura. Domínguez trabalha na base duma lógica de contaminação deliberada — o animal e o vegetal fundem-se com o virtual, e o ancestral com o tecnológico —, pois entende a cura não como ato individual, mas como forma de sabedoria partilhada através da qual é possível restabelecer uma ligação com uma memória planetária.

olhos múltiplos estrutura-se em três círculos que se interseitam e sobrepõem, gerando zonas de contacto nas quais as práticas dos artistas se cruzam, contaminam e amplificam. O que une estas artistas é uma urgência partilhada: a de propor um território poroso onde as histórias se transformam, onde a beleza e a crítica são inseparáveis, e onde a arte continua a ser uma prática de resistência — simultaneamente íntima, permeável e polifónica.

MULTIPLE EYES.

PATRICIA DOMÍNGUEZ, INES DOUJAK, LUBAINA HIMID

Curated by **Nuria Enguita** and **Rafael Barber Cortell**

multiple eyes brings together the works of Patricia Domínguez, Ines Doujak, and Lubaina Himid, three artists from different generations whose practices converge around a shared question: what is transformed when we attend to dissenting ways of narrating the world?

Each turns towards those narratives that official history ignores or discards: the bastard, the subterranean, those passed from mouth to mouth. Yet they do not simply recount them—they inhabit them, drawing on the carnivalesque, the abject, and the popular as forms of expression through which dissenting histories have long circulated. Each does so from a distinct position: Doujak through the political body, the capitalist bestiary, the figure of the monster; Himid through the erased presences of colonial history, returning like ghosts; and Domínguez through botanical and

spiritual knowledges threatened by extractivism, embodied in hybrid figures traversed by technology. All three share a common conviction: that to narrate differently is to understand the present anew, and to recognise care—of the land, memory, others—as an act of collective resistance.

The exhibition unfolds as a journey without beginning or end in which the works of the three artists appear and recede, interweaving across time and generating a deliberate disorientation that echoes their narrative strategies. It offers an experience in which otherness emerges not as a threat but as a space for learning, reflection, and the co-creation of knowledge—where narration becomes, above all, an act of listening, of allowing oneself to be affected.

Lubaina Himid works through the recovery of erased presences, giving body and voice to figures historically excluded from official narratives. Her vibrant paintings capture everyday moments—people in conversation, interiors suspended in uncertain moments. In her installations, forgotten histories and theatricalised scenes engage satirically with the worlds of politics and art, reflecting on her own position within them. Himid does not merely restore memory: she creates spaces in which these figures irrupt with ease and lightness, loosening the rigidity of history through colour and humble materials. Unafraid of the decorative or the domestic, her work forges its own monumentality.

Ines Doujak constructs a political bestiary in which human and animal, organic and mechanical, intermingle without hierarchy, generating assemblages of bodies, plants, and prostheses that do not illustrate or resolve but rather lurk. Her critical research exposes the global conflicts and extractivist processes that shape contemporary wars while tracing them back to persistent historical injustices. Doujak works through black humour and irony as strategies of unmasking, fusing the abject with the seductive to weave unsettling narratives. Through political satire, she pinpoints where systemic violence resides: not in the struggles of those below, but in the elites that structure global economic processes—and in the bodies that are manufactured, used, and ultimately discarded by them.

Patricia Domínguez's practice operates at the intersection of colonial ethnobotanical research, spiritual knowledge, and the use of technology to recover other, interior technologies, with a clear aim: to reimagine our place within the cosmos. Working through a self-devised ritual framework, conceived as a kind of “stomach,” she proposes new non-binary hierarchies that honour all living things, especially those bodies left behind by the system. Her videos and installations recode elements of late capitalism (cheap commodities, digital technologies, post-internet aesthetics) into rituals of multispecies resistance and healing. Domínguez operates through a logic of deliberate contamination—animal and vegetal merge with the virtual, the ancestral with the technological—as she understands healing not as an individual act but as a shared form of wisdom through which to reconnect with a planetary memory.

multiple eyes is structured as three circles that intersect and overlap, generating zones of contact in which the artists' practices cross, contaminate, and amplify one another. What unites them is a shared urgency: to propose a porous territory where histories are transformed, where beauty and critique are inseparable, and where art remains a practice of resistance—at once intimate, porous, and polyphonic.

Patricia Domínguez nasceu em Santiago do Chile, e vive e trabalha em Puchuncaví, também no Chile. Traça relações digitais e espirituais entre espécies vivas num cosmos cada vez mais corporativo, articulando investigações experimentais em torno da etnobotânica, do extrativismo e de práticas de cura através da linguagem artística da ficção espiritual. É mestre em Belas-Artes pelo Hunter College, Nova Iorque, formação complementada por um certificado em Ilustração Botânica do New York Botanical Garden e por uma residência no CERN, onde se dedicou ao estudo da física quântica. Domínguez é também fundadora do Studio Vegetalista, e colaborou com Unknown Carpets, de Jaipur. Entre as suas exposições recentes contam-se locais como o New Museum, Nova Iorque (2026); a Munch Triennale, Oslo (2025); a 1.ª Klima Biennale, Viena (2024); a Wellcome Collection, Londres (2022); a Bienal de Gwangju (2021); e o CentroCentro, Madrid (2020).

Artista, investigadora e escritora, **Ines Doujak** investiga como as histórias globais são moldadas por conflitos culturais, de classe e de género. O seu trabalho foi apresentado no Center for Art, Research and Alliances (CARA), Nova Iorque (2024); Kunsthalle Wien (2021); Para Site, Hong Kong (2018); Royal College of Art, Londres (2013); Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madrid (2010); e Secession, Viena (2002). Participou na documenta 12, Kassel (2007), na Bergen Assembly (2019) e em diversas bienais, entre as quais Jacarta e Liverpool (2021), Kochi-Muziris (2018), Dhaka Art Summit (2018), Kyiv (2015), São Paulo (2014) e Busan (2012).

Nascida em Zanzibar, **Lubaina Himid** é uma pintora britânica que se dedica à recuperação de histórias, figuras e expressões culturais marginalizadas. Entre as suas exposições individuais destacam-se as que realizou no Kettle's Yard, Cambridge (2025); no Mudam, Luxemburgo (2025), ambas com Magda Stawarska; no UCCA, Pequim (2025); na FLAG Art Foundation, Nova Iorque (2024–2025); na Tate Modern (2021–2022); na Tate Britain (2019); e no CAPC musée d'art contemporain de Bordeaux (2019–2020). Himid representará o Reino Unido na Bienal de Veneza de 2026, e participou na Bienal de Sharjah (2019), na Bienal de Berlim (2018) e na Bienal de Gwangju (2014). Professora Emérita na University of Lancashire, foi distinguida com o Prémio Suzanne Deal Booth / FLAG Art Foundation (2024), o Prémio Maria Lassnig (2023) e o Turner Prize (2017).

Patricia Domínguez was born in Santiago, Chile, and lives and works in Puchuncaví, Chile. She traces digital and spiritual relationships between living species in an increasingly corporate cosmos, combining experimental research on ethnobotany, extractivism and healing practices through the artistic language of spiritual fiction, or spi-fi. She holds an MFA from Hunter College, New York, complemented by a Certificate in Botanical Illustration from the New York Botanical Garden and a residency at CERN, where she engaged with quantum physics. Domínguez is also the founder of Studio Vegetalista, and has collaborated with Unknown Carpets from Jaipur. Recent exhibitions include the New Museum, New York (2026); the Munch Triennale, Oslo (2025); 1st Klima Biennale, Vienna (2024); Wellcome Collection, London (2022); Gwangju Biennale (2021); CentroCentro, Madrid (2020).

As an artist, researcher, and writer, **Ines Doujak** explores how global histories are shaped by cultural, class, and gender conflicts. Her work has been presented at the Center for Art, Research and Alliances (CARA), New York (2024); Kunsthalle Wien (2021); Para Site, Hong Kong (2018); the Royal College of Art, London (2013); Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madrid (2010); and Secession, Vienna (2002). She participated in documenta 12, Kassel (2007), the Bergen Assembly (2019), and several biennials, including Jakarta and Liverpool (2021), Kochi-Muziris (2018), the Dhaka Art Summit (2018), Kyiv (2015), São Paulo (2014), and Busan (2012).

Born in Zanzibar, **Lubaina Himid** is a British painter dedicated to uncovering marginalised histories, figures, and cultural expressions. Solo exhibitions include Kettle's Yard, Cambridge (2025); Mudam, Luxembourg (2025), both with Magda Stawarska; UCCA, Beijing (2025); FLAG Art Foundation, New York (2024–2025); Tate Modern (2021–2022); Tate Britain (2019); CAPC musée d'art contemporain de Bordeaux (2019–2020). Himid will represent the UK at the Venice Biennale in 2026, and has participated in the Sharjah Biennial (2019), the Berlin Biennale (2018), and the Gwangju Biennale (2014). An Emeritus Professor at the University of Lancashire, Himid was the recipient of the Suzanne Deal Booth / FLAG Art Foundation Prize (2024), the Maria Lassnig Prize (2023), and the Turner Prize (2017).

PROGRAMA PÚBLICO
PUBLIC PROGRAMME

PERFORMANCE

CAT LADIEZ SMASH PATRIARCHY

13 MAI, 21H00

13 MAY, 9:00 pm

Nesta performance de **Ines Doujak**, dois seres não humanos estão presentes durante a inauguração da exposição, e acendem uma fogueira no final.

In this performance by Ines Doujak, two non-human beings are present during the exhibition opening, and light a fire at its end.

VISITA GUIADA À EXPOSIÇÃO

GUIDED TOUR OF THE EXHIBITION

17 MAI, 17H00

17 MAY, 5:00 pm

A curadora Nuria Enguita oferece a sua perspetiva sobre a exposição. Visita em inglês.

Curator Nuria Enguita offers her perspective on the exhibition. Tour in English.

Participação gratuita mediante inscrição prévia através de formulário ou pelo e-mail / Free participation upon prior registration via form or by email: servico.educativo.museu@ccb.pt.

Com a colaboração da / With the collaboration of
TBA21 Thyssen-Bornemisza Art Contemporary



**MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
E CENTRO DE ARQUITETURA**

Centro Cultural de Belém

Praça do Império, 1449-003 Lisboa

T (+351) 213 612 878 / (+351) 213 612 913

Siga-nos / Follow us

@maccb.museu

#maccbelem



RTP

RTP
antena 1

RTP
antena 2

sociedade
pontoverde



SONY

Tintas Robbialac

